

Apresentação

Agnus Lauriano¹

Christian Ribeiro²

Elisângela Oliveira Lima³

Gabriel Corrêa Campos⁴

Murillo van der Laan⁵

Patrick Oliveira⁶

Renata Falavina⁷

Sandra Regina Vaz da Silva⁸

¹ Sociólogo e Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Assistente Editorial da Revista Cadernos Cemarx, membro do Grupo de Pesquisa Mundo do Trabalho e Suas Metamorfoses do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (GPMT-IFCH-UNICAMP) e integrante do Grupo de Estudos Interinstitucional sobre o Pensamento Social de Clóvis Moura (UFES e UFF).

² Doutor em Sociologia pelo IFCH-UNICAMP. Professor titular de Sociologia da SEDUC-SP, pesquisador das áreas de negritudes, movimentos negros e pensamento negro no Brasil. Membro do grupo de pesquisa “Pensamento social: contextos, instituições, intelectuais e movimentos” do IFCH/UNICAMP.

³ Doutoranda em Sociologia (UNICAMP) e Bacharel em Políticas Públicas (UFF). Pesquisa a luta dos movimentos por patrimonialização da memória antirracista na cidade de São Paulo. Co-fundadora do Podcast Visão de Pretas.

⁴ Doutorando em Desenvolvimento Econômico (IE/UNICAMP). Co-coordenador do Grupo de Trabalho de História do Pensamento Econômico Brasileiro da Sociedade Brasileira de Economia Política (GT-HPEB-SEP). Membro do Grupo de Trabalho de Economia Política das Relações Raciais da SEP (GEPOL-SEP) e do Laboratório de Estudos Marxistas (LEMA/UFRJ).

⁵ Pós-doutorando no Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas. Membro do Grupo Mundo do Trabalho e suas Metamorfoses e do conselho editorial da coleção Mundo do Trabalho da Boitempo Editorial.

⁶ Doutorando em Economia (UFF), Mestre em Serviço Social (UFRJ) e Bacharel em Ciências Econômicas (UFRJ). Coordenador do Grupo de Trabalho de História do Pensamento Econômico Brasileiro da Sociedade Brasileira de Economia Política (GT-HPEB-SEP). Membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP-Marx/UFF) e do Laboratório de Estudos Marxistas (LEMA/UFRJ).

⁷ Socióloga e advogada. Doutoranda em Sociologia no IFCH-UNICAMP. Integrante do Grupo Mundo do Trabalho e suas Metamorfoses.

⁸ Professora da Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF).

A proposta de organizar este Dossiê em homenagem ao centenário de Clóvis Moura surgiu do seminário “20 anos sem Clóvis Moura”, realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) entre os dias 21 e 23 de novembro de 2023. O encontro reuniu de forma exitosa pesquisadoras e pesquisadores dedicados à vida e à obra do intelectual negro, comunista e piauiense, criando uma rede de interlocução extremamente fértil nos momentos que antecederam as muitas efemérides, eventos e publicações deste ano de seu centenário.

Falar sobre Clóvis Moura (1925-2003) jamais caberia em poucas palavras. Historiador e sociólogo de formação autônoma e popular, além de jornalista, poeta, crítico literário e dramaturgo, foi um intelectual de cepa rara, num país em que pensadores sociais se dão por um cânone legitimador de viés classista e racial. Um utópico - no sentido mais belo e revolucionário dessa palavra - que acreditava na justeza e necessidade das lutas e batalhas, para transformação radical e orgânica da sociedade. Fazia dessa práxis intelectual o seu devir libertário. Onde trabalhou, foi militante; onde militou, foi trabalhador.

Nascido em Amarante, no Piauí, foi mais um dos nordestinos combativos que contra todos os empecilhos e preconceitos fazia por construir o próprio destino, ao seu jeito e gosto. Nessa trajetória, exercendo - desde a sua juventude em Juazeiro (BA) - a profissão de jornalista com maestria, nos legou periódicos que registram contextos históricos e posicionamentos decisivos para compreender sua atuação política. Fez poesia, desenhou e nos mostrou como a estética é necessária para a luta política e para a vida além da sobrevivência. Militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), intelectual marxista, defensor da *práxis de negras e negros*, crítico contundente dos espaços nos quais se empenhou a contribuir, Moura construiu uma obra cuja força atravessa gerações. Permanência

Coordenadora do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Questão Racial e Serviço Social. Co-coordenadora do Grupo de Estudos Interinstitucional sobre o Pensamento Social de Clóvis Moura (UFES/UFF).

que se explica, sobretudo, pela apropriação de suas contribuições por parte do movimento negro, onde foi partícipe e fundamental no processo de reorganização que resultou na emergência do Movimento Negro Unificado (MNU) em 1978 e posteriormente, ao término da próxima década, sendo referencial teórico para a constituição da União de Negras e Negros pela Igualdade (UNEGRO) no final da década de 1980. Na plenária de encerramento do seminário “20 anos sem Clóvis Moura”, Regina Lúcia e Milton Barbosa, militantes do Movimento Negro Unificado (MNU), o definiram como o intelectual do movimento negro, formulação que sintetiza com precisão sua inserção política e teórica.

Autor de 26 livros, mais de 50 artigos, entre outras produções, não era desconhecido pela intelectualidade marxista no Brasil da segunda metade do século XX, como muitos pensam hoje. Todavia, foram poucas, ainda que importantes, as exceções em que seu trabalho foi lembrado e reverenciado tantos por círculos marxistas brasileiros quanto pelo pensamento social, de modo geral, em vida, dentro e fora da academia. Há notas significativas, como o título de Notório Saber concedido pela Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP) no início da década de 1980, onde participou de bancas de pós-graduação de relevantes trabalhos acadêmicos como *A imprensa negra paulista (1915-1963): um estudo monográfico*, de Miriam Nicolau Ferrara, dissertação de Mestrado em Antropologia, defendida em 1981, na USP e *O negro livre no imaginário das elites: (racismo, imigranteísmo e abolicionismo em São Paulo)*, de Célia Maria Marinho de Azevedo, dissertação de Mestrado em História, defendida em 1985, na UNICAMP, e o reconhecimento expressivo do sociólogo Octávio Ianni (1926-2004), que o citou como figura de relevância para compreender a questão social e racial no Brasil. Ainda assim, durante sua vida, Moura não foi celebrado em grandes circuitos com o entusiasmo dedicado a outros intelectuais marxistas atuantes no país.

Se hoje é possível observar um campo de pesquisas que se estruturam em torno de sua produção, dentro da universidade e das organizações de esquerda, assim como a apropriação de sua produção para pensar e intervir em sobre a realidade brasileira contemporânea, isso se deve ao trabalho construído de baixo para cima pela ala radical do movimento negro, sobretudo através da articulação de uma geração de intelectuais negras e negros, marxistas, jovens pesquisadores e ativistas políticos que passaram a reivindicar o pensamento social de Clóvis Moura para uma retomada antirracista, anticapitalista e radical para o Brasil, compreendendo as suas contribuições em torno da resistência negra e da particularidade brasileira que relaciona escravidão, luta de classes, racismo e capitalismo, descortinando ainda a gênese da “questão social” brasileira.

Moura jamais seria um intelectual afastado da vida concreta. Frequentou ruas, bares, escolas de samba, terreiros e dialogou (teorizou) sobre isso; abriu a porta de sua casa para a juventude negra militante; democratizou o acesso à palavra e à memória; afirmou a centralidade da experiência negra na luta de classes no Brasil. Foi, em toda sua dimensão e complexidade, um intelectual da práxis. Como sublinha Márcio Farias, em seu livro *Clóvis Moura e o Brasil*, foi um dos grandes intérpretes do país, apesar de toda a contracorrente e de seus limites.

O centenário de Clóvis Moura coincide com o de figuras igualmente emblemáticas na luta antirracista e anticapitalista mundial, como Frantz Fanon (1925-1961) e Malcolm X (1925-1965). Cada um, em seu território histórico e político, disputou os sentidos da emancipação humana e denunciou as estruturas que sustentam o racismo e o capitalismo internacional em momentos históricos decisivos e emblemáticos. Celebrar esses centenários conjuntos permite recolocar questões que atravessam nosso tempo, convocando-nos a pensar que não são meras coincidências, mas provém de uma tradição radical negra que tiveram em comum, a presença nas lutas por libertação no contexto africano, estadunidense, latino-americano e demais territórios vinculados à periferia do capitalismo. Reposicionar esses intelectuais e essa radicalidade

nos dias atuais, possibilita incidir contra os modismos acadêmicos que insistem em disputar e inserir esses clássicos em um tipo de pensamento que oculta e fragmenta a sua totalidade, principalmente sua radicalidade classista e revolucionária. Convoca-nos a pensar que há futuro socialmente justo sem o confronto direto com as formas contemporâneas de dominação racial e de exploração econômica.

Este Dossiê apresenta trabalhos que pensam a partir e com Clóvis Moura, revelando a atualidade, a vitalidade e a versatilidade de sua contribuição em diferentes áreas do conhecimento, como Geografia, História, Sociologia, Psicologia, Direito, Relações Internacionais, Serviço Social e Economia. A chamada pública organizou-se em onze eixos temáticos que orientaram a recepção dos trabalhos: trajetória política e intelectual de Clóvis Moura; tradição intelectual afrodiáspórica nas Américas; particularidade da formação social brasileira; movimentos negros e lutas sociais; revolução brasileira; historiografia e memória social; pensamento social brasileiro; debate sobre a questão social; Moura e os diferentes marxismos; crítica à sociologia academicista; cultura e linguagem.

A publicação deste Dossiê pela Revista Cadernos Cemarx constitui mais um passo em direção ao reconhecimento da densidade teórica e política de Clóvis Moura e reafirma o compromisso da revista com a difusão de ideias que historicamente foram silenciadas ou marginalizadas. Que este volume contribua para fortalecer a presença de Moura no pensamento crítico brasileiro e amplie o diálogo entre pesquisadores, movimentos sociais e leitores interessados em compreender as contradições do país a partir de uma perspectiva rigorosa e engajada. Acerca de uma obra cada vez mais atual e necessária, de um autor incontornável para se buscar interpretar dialeticamente o Brasil entre suas tragédias e potências sociais transformadoras.